

# A figura do Cristo Sofredor entre mendicantes e leigos carmelitas no Rio de Janeiro (séculos XVII-XIX)<sup>1</sup>

The figure of the Suffering Christ among Mendicants and Carmelite lay people in Rio de Janeiro (17th-19th centuries)

Lia Sipaúba P. Brusadin<sup>2</sup>

liabrusadin@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5446-4992>

---

**Resumo:** As ordens mendicantes compostas por frades vocacionados à penitência revolucionaram a espiritualidade dos núcleos urbanos no século XIII no ocidente europeu. Isso permitiu aos leigos uma maior participação na esfera religiosa, os quais deveriam seguir o mais fielmente possível os atos e sofrimentos de Jesus em uma busca pela redenção individual. O Concílio de Trento valorizou a multiplicação de associações para a difusão dos exercícios piedosos, destacando-se a devoção à Paixão de Cristo, na Europa e no ultramar. No Império Português, grande parte das igrejas da Ordem Terceira do Carmo apresentavam o programa iconográfico com representações da Via Sacra. Tal qual as congêneres portuguesas, os terceiros do Rio de Janeiro se configuraram como um eixo laico de práticas e culto aos Passos nos séculos XVII-XIX. Para a percepção daquele cotidiano secular no religioso e sua interface com a figura do Cristo Sofredor foram analisados a Regra Carmelita e os Livros de Estatutos e de Inventário da Ordem Terceira carioca, associando seu conteúdo às visões de viajantes estrangeiros a respeito dos rituais realizados, além da pesquisa e registro fotográfico *in loco* das esculturas de Jesus e sua Paixão. Dessa maneira, para o leigo o contato com Cristo e seus sofrimentos, por meio de acervos sacros, exercícios, cerimônias litúrgicas e festivas, conduzia a uma intimidade divina e à pretensão de uma existência edificada diante da realidade antagônica e transitória da vida.

**Palavras-chave:** Cristo Sofredor; mendicantes; leigos.

**Abstract:** The mendicant orders made up of friars called to penance revolutionized the spirituality of urban nuclei in the 13th century in western Europe. This allowed lay people a greater participation in the religious sphere, as they should follow the acts and sufferings of Jesus as faithfully as possible in the pursuit of individual redemption. The Council of Trent valued the multiplication of associations for the dissemination of pious exercises, highlighting the devotion to Christ's Passion, in Europe and overseas. In the Portuguese Empire, most of the churches of the Third Order of Carmel presented the iconographic program with representations of the Via Sacra. As the Portuguese congeners, the members of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro configured themselves as a secular axis of practices and cult of the Path in the 17th-19th centuries. For the perception of this secular daily life in the religious and its interface with the figure of the Suffering Christ, the Carmelite Rule and the Statute and Inventory Books of the Third Order of Rio were analyzed, associating their content with the views of foreign

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o financiamento da Capes.

<sup>2</sup> Visiting Scholar School of Arts & Art History - University of Florida (UF). Professora da Pós-graduação Lato sensu do Núcleo de Artes, Conservação e Restauro (NAR) da Universidade Santa Úrsula (USU). Rua Fernando Ferrari, no 75, Bairro Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

travelers on the rituals performed, in addition to the *in situ* and photographic research of the sculptures of Jesus and his Passion. Thus, for the lay members of the Order, the contact with Christ and his suffering, through sacred collections, exercises, liturgical and festive ceremonies, led to a divine intimacy and the claim to an edified existence before the antagonistic and transitory reality of life.

**Keywords:** Suffering Christ; Mendicants; Lay people.

## Introdução

Alma de Cristo, santificai-me.  
Corpo de Cristo, salvai-me.  
Sangue de Cristo, inebriai-me.  
Água do lado de Cristo, lavai-me.  
Paixão de Cristo, confortai-me.  
Ó bom Jesus, ouvi-me.  
Nas vossas chagas, escondi-me.  
Não permitais que me separe de vós.  
Do inimigo maligno defendei-me.  
Na hora da minha morte chamai-me.  
E mandai-me para vós.  
Para que vos louve com nossos Santos.  
Por todos os séculos dos séculos.  
Amém (Loyola, 2004, p. 19).

A famosa oração medieval para Jesus, *Anima Christi*, surgiu por volta da primeira metade do século XIV, sendo enriquecida por indulgências<sup>3</sup> pelo Papa João XXII, no ano de 1330. Foi atribuída a Inácio de Loyola, que a utilizava com frequência no início dos seus Exercícios Espirituais<sup>4</sup>, porém, o Santo nasceu cem anos depois dela; contudo, a hipótese provável é que a oração teve suas origens na Ordem Franciscana. A prece tornou-se tradição na igreja cristã, sendo popular e estimada em virtude do seu caráter intimista com Deus<sup>5</sup>, referindo-se à proximidade do fiel à alma e ao corpo de Jesus Cristo.

As primeiras sete linhas da oração tratam da materialização da alma e do corpo de Jesus, recuperando as feridas, os flagelos sofridos por ele para a salvação dos homens. Esse tipo de súplica é um movimento empático da piedade cristã, suscitado pelos martírios de Jesus e sujei-

tado ao medo da danação eterna perante o juízo particular<sup>6</sup>, notado no excerto final da prece. Converte-se, então, na devoção ao Cristo Sofredor, isto é, na figura exemplar de Cristo durante a sua Paixão, refletindo o clamor do fiel ao buscar seu espaço nos céus pelas obras na terra.

O prelúdio desse fenômeno foi o grande impulso religioso pela renovação das antigas ordens monásticas e o incremento das atitudes espirituais a partir do século XII, no ocidente europeu. O surgimento das ordens mendicantes, no período seguinte, acarretou o advento das ordens terceiras. Eram associações piás que se preocupavam com a perfeição da vida cristã de seus membros seculares<sup>7</sup>. Os terceiros tinham como finalidade seguir o mais fielmente possível a vida dos primeiros discípulos de Jesus, orientados pelos atos e sofrimentos do Cristo Histórico, o Cristo Humano ou Cristo Sofredor. Essa espiritualidade do século XIII permitiu uma nova atuação aos leigos.

Durante a Contrarreforma, já na segunda metade do século XVI, com o intuito de reconquistar as massas atraídas pelo protestantismo, houve o aperfeiçoamento e a multiplicação dos exercícios devocionais e das práticas piedosas, destacando-se as obras de caridade e a devoção à Paixão de Cristo. Dessa maneira, o impulso mendicante em oferecer novas modalidades de vida espiritual e maior envolvimento com o sagrado aos laicos constituiu uma forma mais simples de obter benefícios espirituais, como as indulgências. Essa renovação espiritual não se limitou ao interior das igrejas e aos aspectos religiosos, mas espalhou-se no interior da família, nos núcleos urbanos e em todo o espaço da vida cotidiana dos fiéis<sup>8</sup>, estabelecendo laços de convivência e sociabilidade.

Diante disso, neste artigo, explorou-se como o fenômeno da Paixão foi abraçado pelos mendicantes, ins-

<sup>3</sup> As indulgências eram a absolvição das penas temporais concedidas pela jurisdição da Igreja Católica. Ao lucrar as indulgências, o fiel obtinha a remissão da culpa e das penas no Purgatório pelos seus pecados. Poderia ser parcial, ou seja, por tempo determinado, ou então plenária, de modo perpétuo. Esse perdão era alcançado quando o fiel realizava uma atividade devocional ou obra de caridade, tornando-se uma maneira mais simples de alcançar a salvação tanto para os vivos quanto para os mortos, já que os primeiros poderiam transferir as indulgências para os defuntos através de sufrágios, facilitando a direção das almas ao Purgatório. Cf. Paixão, 2016, p. 48-50.

<sup>4</sup> O livro *Os Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola (1548) foi um rígido manual de conduta que dispunha de mecanismos pedagógicos espirituais, os quais permitiam à alma cristã se livrar de tendências equivocadas e, com isso, entrar em contato com a vontade divina e conseguir a salvação. Cf. Loyola, 2004, p. 20.

<sup>5</sup> O texto mais antigo encontrado desta oração está no British Museum em Londres, datado de 1370. Cf. *Catholic Encyclopedia*.

<sup>6</sup> A instituição das ordens terceiras pelas ordens mendicantes foi um dos últimos desdobramentos da intensa renovação das atitudes espirituais iniciada ainda no século XII que, devido à preocupação com o Juízo Final, cede lugar ao cristianismo relacionado aos sofrimentos do Cristo Histórico. O leigo se preocupava com o juízo particular juntamente com a morte, na busca de conversão e redenção. Cf. Campos, 2007, p. 97-100; Martins, 2009, p. 35-36.

<sup>7</sup> Cf. Código do Direito Canônico. Cân. 702, apud Boschi, 1986, p. 19.

<sup>8</sup> A respeito da aproximação pela experiência da vida associativa religiosa no ocidente europeu, cf. Zardin e Mozzarelli, 1997.

tituindo-se no contexto do ocidente europeu e se tornando fortalecido pelos desdobramentos das instituições laicas. O foco desta análise foi a Ordem Terceira do Carmo no Império Português, cujas igrejas possuem como programa iconográfico a Paixão de Cristo, sendo representada por meio de esculturas, relevos e pinturas. Observou-se nos templos estabelecidos no período colonial, notadamente na cidade do Rio de Janeiro, uma devoção e hábitos associados à figura do “Cristo Sofredor”, sob a influência das congêneres portuguesas.

A metodologia aplicada foi a pesquisa e registro fotográfico *in loco* das esculturas de Jesus Cristo da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro em interface com os ritos que envolviam os usos e funções de tais imagens. Além disso, foram analisados a Regra Carmelita (do século XVIII e a de 1979), os Livros de Estatuto (dos séculos XVII ao XIX) e de Inventário (2003) da dita ordem, associando seu conteúdo às visões de viajantes estrangeiros a respeito dos rituais realizados durante os séculos XVIII e XIX, para a percepção daquele cotidiano laico no religioso.

O drama das dores do Calvário foi um dos eixos da piedade entre os terceiros carmelitas mais relevantes para as suas práticas cotidianas. Por intermédio do programa iconográfico da Paixão de Cristo havia uma relação do fiel com o Jesus de “carne e osso” – representado por imagens sacras –, o qual era de grande teatralidade e patetismo<sup>9</sup>. Essa foi a implementação da mentalidade barroca nas artes concebida durante o Concílio de Trento. Era uma estética da salvação do indivíduo, em que o “homem é um fim e não um meio”, cuja angústia humana, “ânsia de eternidade e salvação” (Weisbach, 1948, p. 33-34), se dava por meio da relação com Deus/Cristo (sua imagem) e das boas obras (práticas piedosas).

## Os mendicantes e Trento na difusão da figura do Cristo Sofredor

Os estudos historiográficos pertinentes ao surgimento dos mendicantes no século XIII eram obras de religiosos pertencentes às ordens dos franciscanos, dominicanos, carmelitas, agostinianos, que apresentavam uma abordagem apologética, monográfica, com uma descrição de convento por convento. Esse tipo de enfoque vigorou até o século XIX; contudo, com o surgimento da Nova História, as investigações, lideradas por Le Goff em 1968, voltaram-se para a relação do urbano com o fenômeno

mendicante. A instalação das ordens nos núcleos urbanos durante o século XIII foi algo revolucionário em virtude da sua capacidade de adaptação a um período marcado por mudanças e da hierarquização da dinâmica religiosa.

Os dois grandes fundadores do movimento mendicante foram o patriarca São Francisco de Assis e São Domingos. Depois deles vieram os eremitas liderados por Santo Agostinho e, posteriormente, os irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Tais religiosos propuseram uma espiritualidade em sintonia com seu tempo: seguir a fé do Cristo homem, sofredor e triunfante, na pobreza evangélica mais completa, partir para a evangelização do mundo pela palavra (Cevins e Matz, 2010, p. 3). A palavra inspirada ou pregação possibilitou um reforço dos laços entre os mendicantes e os leigos; era destinada a converter por meio do estabelecimento das linguagens ou dialetos vernaculares, da inserção das pequenas historietas (*exemplum*) nos sermões que visavam a edificar, impressionar ou simplesmente atrair a atenção do público. Foram artificios originais associados a gesticulações, mímica e interpretação teatral para transmitir sua mensagem.

O ideal social e religioso da pobreza estava na origem da vida monástica e se tornou o refrão entre as comunidades regulares ocidentais. Converteu-se em um tempo de revolução da caridade para a qual os pobres e doentes são personificações do Cristo Sofredor, e os leigos se aproximam das suas dores ao adotar as Regras mendicantes. Isso atraiu uma multidão de leigos, permitindo sua participação na esfera religiosa. As ordens mendicantes revolucionaram não só a vida, a liturgia, o engajamento cultural, espiritual, pastoral, mas também jurídico e econômico das comunidades urbanas. Conforme Cevins e Matz (2010), são compreendidas como instituições revolucionárias em virtude da sua proximidade com a pobreza, com a caridade e por moldar a vida dos núcleos urbanos enquanto seu agente principal. No entanto, com o passar do tempo, as ordens acabaram se encaminhando para a pura e simples apropriação dos bens para se fortalecerem enquanto entidades de poder.

Uma vez que o surgimento das ordens mendicantes é anterior às normas implementadas pelo Concílio de Trento (1545-1563), é significativo realçar o quanto as ordens religiosas foram ferramentas de reafirmação dos dogmas católicos no período da Contrarreforma. As ordens reformadas retomam tradição, e os irmãos são exortados a se mostrarem com boa vida e fama, são chamados ao santo temor de Deus e apegar-se à obediência da Igreja Católica Romana (Zardin e Mozzarelli, 1997, p. 1).

<sup>9</sup> O sentimento do patético começou a ser expresso na arte cristã durante o século XV, cujas imagens de Jesus Cristo tinham o principal objetivo de comover o coração. O conceito de *pathos* está relacionado à ideia de movimento, pois quem sente não é a imagem, que é inanimada, mas sim quem a vê. O espectador, ao observar uma imagem que transmite uma emoção, sente essa mesma dor; trata-se de um movimento de reflexão e contemplação.

Não obstante, a importância de Trento foi a normalização das práticas e de costumes, critério e padrões de culto, um ideário moderno cuja relevância está na sua durabilidade. Assim, dever-se-ia purificar a liturgia e dar mais decência ao culto, fazendo a diferenciação entre o sagrado e o profano, que, por vezes, se tornavam indistintos nas manifestações populares. Isso implicou uma tendência ao embelezamento dos templos e exuberância triunfante da arte sacra, como imposição do ritual romano. Intensificou-se o culto aos santos, às relíquias e outras devoções, como a da Paixão de Cristo, do Menino Deus, etc., o que promoveu a vida confraternal (Paiva, 2014).

Logo, o Concílio de Trento valorizou e acentuou essa multiplicação das associações leigas. Isso fez parte de uma revolução social e cultural que vinha acontecendo por uma valorização do aspecto associativo de irmandade em relação a uma educação voltada para o indivíduo e restrita a poucos. As irmandades estabeleceram vínculos maleáveis e adaptáveis aos diversos contextos sociais, e suas fragmentações permitiram radicar uma proposta educativa acessível e impressa à massa laica e urbana. Portanto, havia uma preocupação com a formação do indivíduo na leitura pessoal de livros como a *Imitação de Cristo* e os *Exercícios da Vida de Cristo* de Frei Gaspar Loarte (1498-1578). Com o tempo, foram-se uniformizando os textos religiosos para o coletivo; eram propostas mais sofisticadas, porém mais inteligíveis (Zardin e Mozzarelli, 1997; Chahon, 2008; Martins, 2009).

Entre os séculos XV e XVII ocorreu a reforma de algumas ordens mendicantes a partir dos princípios da *devotio* moderna<sup>10</sup>. Por meio do desenvolvimento de formas sensíveis de devoção, tais como as imagens da Paixão de Cristo, buscou-se propiciar ao fiel um envolvimento mais íntimo com a mensagem evangélica. Diante disso, com a organização de procissões de penitência, eram oferecidas aos leigos outras possibilidades emocionais de relacionamento com o sagrado (Martins, 2009).

De Trento em diante, as associações adquirem um caráter doméstico, de uma grande família “artificial”, estreitando os vínculos com os irmãos, articulando elos de obrigação recíprocos entre homens e núcleos de paren-

tescos diversos. Era um novo modelo de espiritualidade, um corpo comunitário a partir de cada indivíduo, convertendo-se em um grande modelo de recristianização da sociedade. Todavia, esse corpo passou a se constituir como um corpo social diferenciado pela identidade entre irmãos e pela afirmação de seus interesses, escolhendo certos tipos de pessoas e objetivando a sua própria manutenção, ou seja, acabaram burocratizando os lugares sagrados, e isso instaurou as desigualdades entre os grupos (Zardin e Mozzarelli, 1997).

As normas tridentinas foram trasladadas para o ultramar conforme as realidades daquelas regiões durante os séculos XVII e XVIII<sup>11</sup>, e o mesmo se deu com a implantação das ordens religiosas. Fazer parte de uma associação no Império Português era a chance de uma vida edificada, amparada e de uma boa morte<sup>12</sup>. Desde suas origens, as ordens mendicantes revolucionaram seu tempo enquanto fenômeno urbano e organizador dos indivíduos em torno de uma crença. Deste modo, constituíram um corpo social centralizado. Essas ordens, adaptadas ao seu tempo, propagaram o culto ao Cristo Sofredor e Humano, para que os fiéis se espelhassem nele por meio das boas obras.

## Os leigos carmelitas cariocas vivendo em obséquio a Jesus Cristo

A origem da Ordem Terceira do Carmo situa-se nos Frades ou Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, na Palestina, por volta de 1240, seguidores da Regra de Santo Alberto, seu patriarca. Os primeiros carmelitas adotaram uma vida eremítica em obséquio, isto é, a serviço e em comunhão com Jesus Cristo, voltados para o “cristocentrismo” (Bayón, 2001). A ordem foi dividida em dois domínios, o antigo ramo Observante<sup>13</sup> – Calçados –, e o Reformado – Descalço ou Teresiano<sup>14</sup>. Os irmãos terceiros carmelitas institucionalizaram-se por meio da bula de Sisto IV, em 1476,

<sup>10</sup> Durante a Baixa Idade Média, no norte da Europa, surgiu uma piedade fervorosa e introspectiva baseada na meditação dos Evangelhos e dos mistérios da religião, conhecida como *devotio* moderna. Era uma tendência que engrandecia a vida simples de oração e autonegação, bem como as obras de caridade. Foi também chamada de “misticismo do senso comum”, respaldada na obra clássica *Imitação de Cristo* (1418) de Thomás de Kempis. Tal obra se dedicava à preocupação com a morte e com o juízo individual; com a penitência; com o sacerdócio e sacramento do altar. Assim, era voltada para uma peregrinação interior de arrependimento e piedade, oposta a uma religião baseada em atos cerimoniais exteriores. Cf. Chadwick e Evans, 2007, p. 90.

<sup>11</sup> Sobre a implementação do espírito tridentino no século XVII e XVIII no Brasil; cf. Feitler, 2014, p. 157-173.

<sup>12</sup> A boa morte se vincula ao ritual do bem morrer. Com o surgimento da Confraria da Boa Morte no século XVI, fundada em Roma, tal associação teve grande influência em todo Império Português durante o século XVIII. Fundamentava-se numa pedagogia do medo da morte, por um lado, e, ao mesmo tempo, oferecia a misericórdia divina para os fiéis arrependidos que buscassem o perdão através dos sacramentos e práticas piedosas. Cf. Rodrigues, 2008, p. 262-263. Além disso, a boa morte se relaciona à arte de morrer bem, o *Ars Moriendi*, uma forma de pensar do século XV, em que o cristão deveria aprender a tempo a morrer bem e salvar sua alma, contemplando a Jesus Cristo e a todos os santos mártires, os quais sofreram sem se queixar e foram pacientes até a morte. Cf. Mâle, 1952, p. 140.

<sup>13</sup> Esses são os religiosos que permaneceram fiéis às regras primitivas da Ordem Carmelita.

<sup>14</sup> No século XV, iniciaram-se movimentos isolados a favor de reformas na Ordem do Carmo na Europa. A monja carmelita espanhola Santa Teresa D’Ávila defendia uma renovação da vida interior. Por volta de 1567, o Frei João da Cruz ajudou Teresa na fundação de conventos masculinos, enquanto a Santa fundou os femininos. Tais religiosos realizaram uma reforma missionária e mística, por meio da contemplação ao amor de Deus; esse modelo foi muito incentivado pela Igreja durante a Contrarreforma.

permitindo aos prelados gerais e provinciais do Carmo admitirem pessoas de ambos os sexos. Todos os terceiros têm o privilégio de vestir o hábito da ordem a que se filiam e a obedecer a Regra. Muitas confrarias se constituíram em ordem terceira, geralmente, recebiam a dignidade de Veneráveis (Franco, 2010).

Nos primeiros tempos da criação dessas associações de terceiros no Brasil, só poderiam fazer parte de certas ordens, como a carmelita e a franciscana, homens “puros de sangue”, de boa fama, de boa família e de bom status econômico. Dessa maneira, os devotos tendiam a se unir conforme um critério racial, profissional e/ou econômico. Também havia os irmãos professos que eram profissionais destacados em determinados ofícios; esses foram membros dessas associações, tendo muitos sido enterrados nesses templos (Campos, 2011).

Para se tornar irmão terceiro carmelita, o fiel deveria passar por um período probatório de aproximadamente um ano, que se chamava noviciado; os noviços eram instruídos por um mestre. Ao final da etapa do noviciado, participavam da cerimônia da Profissão, quando recebiam o hábito carmelita, deixando de ser noviços e tornando-se irmãos professos; era imposto o Escapulário em profissão solene, rito prescrito pelos Estatutos da ordem (Martins, 2009). Todos os noviços tinham que praticar os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, notadamente sobre a rememoração da Paixão.

Os Exercícios Espirituais são divididos em quatro semanas: a primeira é o reconhecimento e a contemplação dos pecados; a segunda, o conhecimento da vida de Cristo Nosso Senhor até o episódio do Domingo de Ramos; a terceira, a Paixão de Cristo Nosso Senhor; a quarta, a Ressurreição e Ascensão, com diferentes métodos de oração<sup>15</sup> (Loyola, 2004). No entanto, a semana poderia estender-se por mais dias ou ser breve, dependendo do tempo de busca interior de cada exercitante. Todas as séries simulam a imagem do Cristo Sofredor.

Com o objetivo de praticar esses Exercícios, os noviços, bem como os demais fiéis, deveriam olhar para as imagens da Paixão de Cristo presentes dentro das igrejas, facilitando a rememoração do drama da Paixão com o recurso visual de esculturas e/ou relevos e/ou pinturas. No Império Português, por meio dos religiosos mendicantes e do estabelecimento das ordens terceiras, promoveu-se a devoção à figura humana de Jesus Cristo, durante a sua Paixão, evocando os Passos do Cristo Sofredor. A configuração das igrejas da família carmelitana seguiu um padrão delineado pelos frades em diferentes regiões

da colônia do Brasil. Os altares das igrejas poderiam ser comparados a cenários que serviam de palco para o drama barroco. Assim, era fundamental dispor no interior da igreja a série completa da Via Sacra.

Logo, as ordens terceiras ofereciam aos fiéis oportunidades frequentes de gozar as indulgências: quando eles recebiam o hábito, em caso de morte e nas festas dos principais santos. Ao lucrar as indulgências, o laico obtinha a primeira remissão total da culpa e das penas no Purgatório pelos seus pecados (Martins, 2009). Entrar para uma associação religiosa representava uma fuga da marginalização, pois o indivíduo, “bem nascido”, encontrava a projeção desejada e, depois de morto, lhe era garantido um local para ser enterrado. Para a salvação das almas, as associações tinham que ter seu lugar particular de culto, relativo à sua devoção, o que levou à constituição de altares dentro das matrizes e, posteriormente, à construção de igrejas próprias, ficando elas igualmente encarregadas da ornamentação interna dos templos.

A Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro foi fundada no dia 19 de julho de 1648, tendo como instituidores irmãos que haviam professado em Portugal. A obra da capela dos terceiros foi feita aos fundos do convento, tendo sido fundada sob a invocação da Paixão de Cristo. Contudo, eles queriam aumentar seu espaço e o número de imagens exibidas no culto dos Passos do Senhor. No ano de 1692, solicitaram licença aos religiosos para abrirem no claustro oito capelas. A partir de 1749, resolveram edificar uma nova igreja com maiores comodidades para os exercícios espirituais. Dessa forma, em 1755 assentaram as pedras do edifício atual, que foi benzido em 1770. Houve uma contenda com frades regulares pela arrecadação de dízimos; todavia, o templo dos terceiros foi oficialmente inaugurado no ano de 1850 (Serzedello, 1872).

Na igreja dos terceiros cariocas se encontram a escultura do Cristo Crucificado no retábulo-mor e as esculturas do Cristo no Horto, Cristo da Prisão e Cristo da Flagelação nos retábulos da nave no lado da Epístola; no lado do Evangelho estão as imagens do Cristo Coroado de Espinhos, *Ecce Homo* e Cristo com a Cruz às Costas, completando a série dos sete Passos da Paixão. O Crucificado foi feito em 1765 pelo escultor bracarense Simão da Cunha; inicialmente ficava em outro local, tendo sido integrado em 1780 ao retábulo-mor, para complementação da Via Sacra (Oliveira, 2008). Os seis outros Passos, destinados aos retábulos laterais, foram executados pelo escultor Pedro da Cunha, irmão terceiro carmelita e originário de Braga (Sarmiento, 1965).

<sup>15</sup> São quatro séries definidas de Exercícios: 1) *Deformata reformare* – reformar o que foi deformado pelo pecado trata da purificação dos pecados e da morte e julgamento dos homens; 2) *Reformata conformare* – o que foi reformado deve ficar como o modelo divino encarnado na pessoa de Cristo; 3) *Conformata confirmare* – consolidar aquilo que ficou de acordo com o modelo divino; esses dois últimos se referem à profunda contemplação da existência, tendo como modelo Cristo; e 4) *Confirmata transformare* – transformar por meio do amor os resultados adotados; buscar a íntima relação com Jesus. Cf. Loyola, 2004, p. 20.

O culto à Paixão de Cristo dos terceiros no Rio de Janeiro ia além do período da Quaresma e da Páscoa; fazia parte das devoções diárias desses fiéis<sup>16</sup>. A Regra corrigida e impressa em Lisboa entre os anos de 1705 e 1778 inclui os direitos e os deveres religiosos dos irmãos terceiros, dentre os quais se destacam: “Visita às sete estações chamadas comumente – Sete Passos, que se veneram em a Igreja de Nossa Ordem em as Sextas-feiras da Quaresma” (Serzedello, 1872, p. 23). Ao final revela um “Catálogo dos dias em que os fiéis, que santamente visitarem a Igreja do Carmo, ganham indulgência”; os irmãos deveriam se confessar e comungar dignamente, haja vista que por meio dessa práxis poderiam visitar de maneira santificada a igreja do Carmo e, com isso, lucrar as indulgências.

Para tal exercício piedoso, o irmão tinha que percorrer os sete Passos da Paixão: 1º Horto: “havendo orado a seu Eterno Pai no Horto de Gethsemani; foi tal o excesso de sua Oração, e de Amor pelo gênero humano, que chegou a suar gotas de sangue [...]”; 2º Prisão: “[...] vendo-se como cordeiro Inocente, entregue por Judas seu discípulo, e preso pelos Phariseus, com malfeitos” (fig. 1); 3º Coluna: “[...] atado a uma coluna, e açoutado pelos Judeus, por ordem de Pilatos, para satisfazer á impiedade d’aquelles”; 4º Coroação: “[...] pondo-lhe sobre sua santa cabeça uma corôa de espinhos, nos hombros um manto de purpura, e na mão uma canna, saudando o por escarneo – *Rei dos Judeus*[...]”; 5º *Ecce Homo*: “[...] sendo apresentado ao povo na tribuna de Pilatos [...]”; 6º Cruz às Costas: “conduzindo em seus hombros o pezado madeiro da Cruz [...]”. 7º Crucificação: “lugar destinado para o supplicio, foi cruelmente pregado na Cruz [...] morreu pelos nossos pecados, para nos dar a Salvação Eterna. Amém” (Serzedello, 1872, p. 25-27).

Ressalta-se que a parte lateral da talha da capela-mor e os retábulos laterais da nave são ornamentados com os instrumentos da Paixão de Cristo (fig. 2), tais como: o cálice que o anjo da Amargura traz ao Monte das Oliveiras; as arandelas ou lampiões representando a prisão noturna de Jesus; o açoite e a coluna, instrumentos usados para a flagelação de Cristo; os dados simbolizando os soldados jogando a sorte para ver quem ficava com as vestes de Jesus; a coroa de espinhos; a cana verde; os três cravos; o manto/véu de Verônica, usado por ela para enxugar o rosto de Jesus; a esponja com vinagre que os soldados deram a Cristo quando ele disse que tinha sede; a lança



**Figura 1:** Cristo Preso. Escultura em madeira policromada<sup>17</sup> (170 X 46 X 45 cm<sup>18</sup>). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 1:** Christ Arrested. Sculpture in polychrome wood (170 X 46 X 45 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

para verificar se ainda estava vivo; a flâmula com o símbolo INRI<sup>19</sup>; a escada, a tenaz e o martelo para pregar Cristo à cruz; e, por fim, símbolos da antiguidade como o sol e a lua, ambos representando a escuridão da crucificação.

Por sua vez, a encenação dos Passos ou da Via Sacra foi uma das mais proeminentes representações em procissões realizadas pelos terceiros carmelitas do Império Português<sup>20</sup>. Entre as associações havia um grande cuidado dedicado aos atos solenes, especialmente durante a Semana Santa, um tempo significativo para o cristão, em que se rememoram a Paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Tal repertório fazia parte do calendário festivo das fraternidades laicas, as quais gastavam elevadas quantias de dinheiro com material e mão

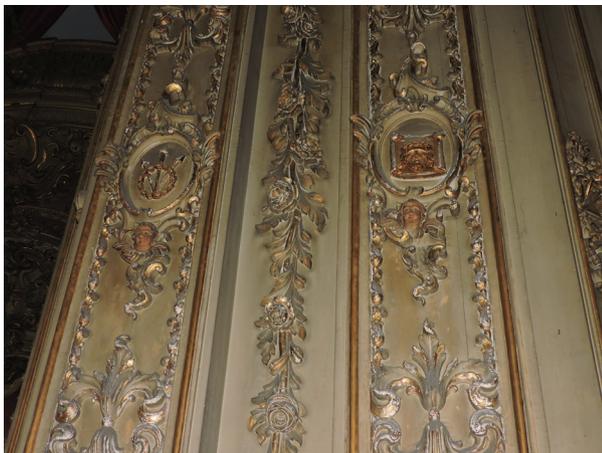
<sup>16</sup> Sobre a Semana Santa no Império Português; cf. Campos, 1993/6, p. 209-219.

<sup>17</sup> Entende-se por policromia a camada ou camadas realizadas com distintas técnicas que cobrem total ou parcialmente a escultura proporcionando-lhe um acabamento decorativo, o que a torna indissociável da concepção e da imagem do todo da obra.

<sup>18</sup> As dimensões de todas as peças foram consultadas no Inventário de Bens Móveis e Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro de 2003, haja vista que as esculturas se encontram protegidas por vidros nos seus respectivos retábulos e não foi permitido o contato direto com elas durante a pesquisa *in loco*.

<sup>19</sup> É a inscrição em latim: “*Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum*”, cujo significado é: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

<sup>20</sup> Em relação à vida social e ao calendário das procissões religiosas no Rio de Janeiro, cf. Santos, 2005.



**Figura 2:** Detalhe da capela-mor. talha em madeira policromada. Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 2:** Detail of the chapel. Carving in polychrome wood. Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

de obra para a execução das celebrações; a participação de todos os irmãos era uma obrigação. Os atos devocionais estavam prescritos nos Estatutos que estipulavam as diretrizes e a conduta para as cerimônias festivas.

No ano de 1697, Frei Manoel Ferreira da Natividade mandou fazer os primeiros Estatutos para substituir as atas que dirigiram a ordem até o ano de 1757. Os Estatutos reformados da Venerável Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro foram aprovados pelo padre-geral em maio de 1870, e confirmados por Pio VII. Nos capítulos referentes às festividades e aos Exercícios Espirituais consta que: “De tempo immemorial faz a Nossa Ordem as seguintes procissões: a do Triunfo e a do Enterro do Senhor, como devidas á denominação da nossa Capela, denominada Sagrada Paixão [...]” (Gonçalves, 1865). A procissão do Triunfo era feita na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos ou no Domingo de Ramos, e a do Enterro na Sexta-Feira Santa. Nessas celebrações eram cultuadas as esculturas da Paixão de Cristo.

A primeira procissão realizada pela Ordem Terceira do Carmo foi a do Enterro em 1658. Até o ano de 1669 havia somente o préstito do Enterro, protagonizado pelo esquife do Senhor, o andor de Nossa Senhora e os andores com os Passos. Naquele mesmo ano, momento de conclusão das obras da igreja, a ordem resolveu instituir outra procissão, denominada do Triunfo: “Completo os Passos do Senhor com sete andores, uma outra procissão ficou instituída na Ordem denominada do Triunfo sahindo anualmente à rua na Sexta-feira anterior à da Paixão” (Serzedello, 1872, p. 43).

Na dita procissão, despontavam os irmãos noviços seguidos pelo andor do Cristo no Horto (fig. 3) e mais outros andores até o do Cristo Crucificado (fig. 4), entre os quais havia uma ala onde só eram admitidos membros da Ordem Terceira do Carmo e da de São Francisco. O restante dos andores da Paixão de Cristo era carregado pelos irmãos devotos aos altares a que as imagens pertenciam: “Os 2º, 3º, 4º, 5º e 6º andores os governarão sempre aquellos Irmãos, que tem por sua devoção a seu cargo prover os Altares e Sanctuarios das Sagradas Imagens de tudo o que lhes for necessário para estarem com toda a perfeição ornados” (Serzedello, 1872, p. 420-421).

O último andor, do Cristo Crucificado, era presidido pelo prior; depois dele vinham os religiosos, seguidos pelo esquife do Senhor Morto acompanhado do andor de Nossa Senhora das Dores, levados por irmãos que haviam servido à Mesa administrativa. À frente, caminhava o padre comissário, tendo à sua direita 12 irmãos jubilados. Então, o cortejo seguia pelas ruas públicas da cidade; depois, retornava à igreja, sendo a solenidade finalizada com



**Figura 3:** Cristo no Horto. Escultura em madeira policromada (325 X 185 X 70 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 3:** Christ in the Garden. Sculpture in polychrome wood (325 X 185 X 70 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018



**Figura 4:** Cristo Crucificado. Escultura em madeira policromada (200 X 119 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 4:** Christ Crucified. Sculpture in polychrome wood (200 X 119 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

um sermão (Gonçalves, 1865). A organização hierárquica era algo de extrema importância nas cerimônias religiosas, e isso é percebido na composição das procissões, já que os membros mais antigos e mais conceituados tinham lugar destacado durante o cortejo. Essa sistematização da hierarquização social vem desde a Idade Média, em que cada um deveria ocupar seu espaço dentro da sociedade estamental (Duby, 1982). As procissões eram a representação da sociedade em miniatura, daquela estrutura social, expressando sua essência (Ângelo, 2005).

Além dessa documentação analisada, outra maneira de se compreender como eram realizados esses cortejos religiosos é por meio dos relatos de viajantes que visitaram o Brasil durante a vigência do Império Português, descrevendo e/ou retratando as festas coloniais a partir de suas próprias concepções. O testemunho mais antigo é do tenente Aguirre<sup>21</sup>, de fins do século XVIII, o qual narra as festividades da Semana Santa, citando a procissão do Enterro e a do Triunfo dos terceiros carmelitas na cidade do Rio de Janeiro. Ele destacou os diferentes Passos correspondentes aos episódios da Paixão de Cristo: “Ambas saíam do convento dos carmelitas e, no seu decorrer, eram representados os diferentes passos da vida do Redentor, bem como alguns episódios da Sua paixão” (França, 1999, p. 164).

No século XIX, o artista Debret<sup>22</sup> (s/d, p. 378-379) também fez uma descrição do cortejo: “[...] a população

do Rio de Janeiro se reúne para ver sair da Capela do Carmo a procissão do *Triunfo*, isto é, dos sofrimentos e humilhações que compõem o conjunto da Paixão de Nosso Senhor e cujas cenas esculpidas são carregadas em procissão [...]”. Ele descreve cada um dos Passos da Paixão, que são esculturas de tamanho natural: “[...] o terceiro, Jesus flagelado, de pé e inteiramente nu; o quarto, Jesus já flagelado, sentado com um caniço na mão e com as costas cobertas por um pequeno manto de brocado vermelho e ouro [...]” (fig. 5 e 6). Ademais, menciona a múltipla função dessas imagens no ritual religioso: “No regresso do cortejo, colocam-se as imagens nos seus pedestais, arranjados em duas filas de cada lado da nave. Aí ficam elas expostas aos fiéis, que vêm durante todo o dia seguinte beijar-lhes os cordões da cinta”.



**Figura 5:** Cristo Flagelado. Escultura em madeira policromada (161 X 56 X 53 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 5:** Christ Plagued. Sculpture in polychrome wood (161 X 56 X 53). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

<sup>21</sup> O tenente espanhol Juan Francisco Aguirre prestou serviços ao capitão José Varela y Ulloa, responsável pela comissão delimitadora dos territórios portugueses e espanhóis na América Austral. Chegou ao Rio em 1782 e permaneceu somente por 25 dias.

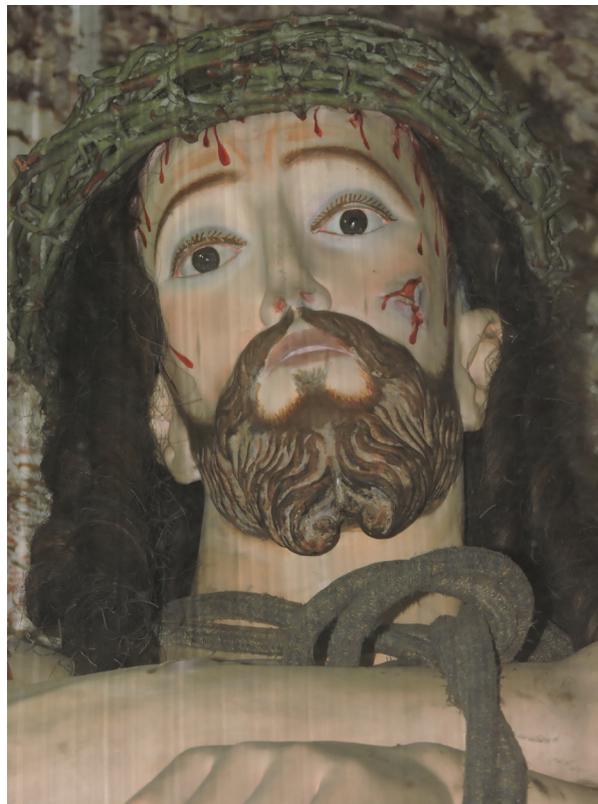
<sup>22</sup> Jean Baptiste Debret foi pintor e desenhista francês que chegou ao Brasil em 1816, ficando no país por 15 anos.

<sup>23</sup> Thomas Ewbank foi um comerciante inglês radicado nos Estados Unidos, esteve no Rio de Janeiro entre os anos de 1845 a 1846.



**Figura 6:** Cristo Coroado de Espinhos. Escultura em madeira policromada (135 X 43 X 60 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 6:** Christ Crowned with Thorns. Sculpture in polychrome wood (135 X 43 X 60 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018



**Figura 7:** Cristo *Ecce Homo*. Escultura em madeira policromada (165 X 52 X 44 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 7:** Christ *Ecce Homo*. Sculpture in polychrome wood (165 X 52 X 44 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

Outro relato conhecido do final do século XIX é o do comerciante Ewbank<sup>23</sup> (1973, p. 203-204), que escreveu sobre detalhes da vida cotidiana do Rio, dando grande atenção aos hábitos ligados ao catolicismo, como o conjunto dos Passos que saía na procissão do Triunfo dos terceiros carmelitas: “Nesta estação, aparece de pé, e segura uma haste de milho ou cana de açúcar. Leva somente um pedaço do manto que lhe cobre uma pequena parte do corpo”. Esta cena é descrita pelo viajante como “Cristo diante de Herodes”, ou seja, a representação do *Ecce Homo* (fig. 7). Também narra o caminho do andor com a imagem do Senhor dos Passos (fig. 8), uma popular devoção: “Cristo carregando a Cruz [...] À sua passagem, grande número de brasileiros, e os negros, de um modo geral, se ajoelham. Os anjos acompanhantes eram muito numerosos. Dos símbolos, um dos anjos levava a esponja de vinagre em uma vara; outro, a lança que feriu Cristo”.

Segundo Vieira Fazenda (1921, p. 220), memorialista carioca, o último cortejo do Triunfo foi feito em

1873, e ele foi extinto por razões de insegurança pública: “porque os donos desta terra, os capadócios, capoeiras e a *flôr da gente*, entenderam de assaltar na rua da Quitanda o anjo cantor para roubar as custosas joias de brilhantes que ornavam o peito e a cabeça”. Apesar dessa informação ser de um caráter um tanto preconceituoso, acusando a população negra do roubo, proporciona dados de que a procissão, no século XIX, era feita com luxo, ostentando pedras preciosas nas vestimentas, além da data de seu término. Em outras palavras, as imagens da Paixão eram objetos de práticas devocionais ainda nesse período.

Desse modo, as esculturas representando os Passos ou Via Sacra, bem como os ornamentos configurando os instrumentos da Paixão na talha da igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio, exteriorizam uma vivência em obséquio a Jesus que há e/ou havia naquela comunidade leiga. As esculturas de Cristo são, ao mesmo tempo, retabulares e processionais, participando das práticas religiosas do século XVII ao XIX. O motivo desse conjunto escultórico se encontrar ainda hoje nos retábulos do templo



**Figura 8:** Cristo com a Cruz às Costas. Escultura em madeira policromada (130 X 60 X 57 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro (RJ). Foto: Lia Sipaúba Brusadin, 15/05/2018

**Image 8:** Christ with the Cross on his Back. Sculpture in polychrome wood (130 X 60 X 57 cm). Church of the Third Order of Carmel of Rio de Janeiro (RJ). Photo: Lia Sipaúba Brusadin, May 15, 2018

dá-se pelo fato das imagens terem sido os principais atores das antigas procissões realizadas pela Ordem. A preeminência de um programa iconográfico, exercícios e celebrações voltados à figura do Cristo Sofredor resultou numa integração e numa evolução de que toda a vida humana de Cristo está em primeiro plano. Tal fator foi testemunho decisivo de uma nova sensibilidade, expressão de uma nova sociedade e retrato de um indivíduo que quer ser salvo (Le Goff, 2005).

## Considerações finais

As ordens mendicantes, por meio do ideal da convivência confraternal dentro dos núcleos urbanos, proporcionaram aos leigos um papel ativo no sagrado e a possibilidade da salvação individual. Mediante um corpo social consolidado, adaptaram sua linguagem tornando-a acessível aos contextos diversos dos reinos e no ultramar.

O culto divino praticado pelos terceiros no Império Português sofreu grande influência dos paradigmas devocionais divulgados pelas ordens mendicantes. Pregavam um viver em obséquio a Cristo e isso era edificar-se continuamente. “O princípio que leva o homem a agir é o ‘coração’, são suas ‘paixões’ e os seus desejos” (Baczko, 1985, p. 301). É na paixão humana que a crença se acende e é nessa circunstância que o verdadeiro e o fantástico dialogam. As imagens de Jesus são, portanto, representações realistas do irreal, do sagrado, na efemeridade da vida banal.

Nessa perspectiva, a devoção ao Cristo Sofredor fez da Via Sacra ou Passos um piedoso e popular exercício, pois o sentido dramático da vida se expressava de modo generalizado – epidemias, fome e guerras – e, assim, o homem buscava na religião a resposta e auxílio perante seus problemas cotidianos. Concebida como um Mistério, a Paixão foi representada artisticamente no interior das igrejas e/ou sendo carregada em procissões a céu aberto; sua finalidade não era o entendimento racional dos sofrimentos de Cristo mas sim ser um enigma diante do qual o fiel cristão deveria resignar-se para contemplar a felicidade divina. Durante o Concílio de Trento, a ideia de santidade era fazer-se triunfante; com isso, as obras sacras, em especial as esculturas – mais próximas ao real –, encarnavam movimentos humanizados, complexos e exagerados; tinham que representar o triunfo de Cristo ante a sua Paixão. Observa-se que as representações das realidades da vida de Cristo são sempre oferta de dor e, depois, de redenção.

Inclusive, na contemporaneidade, a figura do Cristo Sofredor é ainda invocada pelos terceiros carmelitas: “Enfim, fixa-se no Cristo injustiçado, sofrido, imolado, num ato de supremo holocausto e a favor do irmão que possa com ele também partilhar das alegrias e glórias da vitória e da ressurreição” (Regra da Ordem, 1979, p. 60). A inclinação em seguir o padrão do Cristo sofrido também foi o propósito dos próprios santos carmelitas, particularmente entre os mais prestigiados e de maior devoção, como a reformista Santa Teresa D’Ávila. Os modelos de sofrimento cristão levam à redenção humana, pois partilham o sofrimento de Jesus. Para o leigo, esse contato permanente com Cristo, por meio de acervos sacros, exercícios e rituais litúrgicos e festivos, conduzia a uma intimidade divina com Deus. Eis a real sensibilidade empática das imagens cristãs: incomodar com representações de sangue, carnes e ossos humanos.

## Referências

ÂNGELO, R.F. 2005. Os carmelitas de Sabará e as solenidades da Semana Santa (séculos XVIII-XIX). *Mneme: Revista de Humanidades*, Publicação do Departamento de História e Geografia

- da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior de Seridó-Campos de Caicó, 7(16):159-185.
- BAYÓN, B. V. (Frei). 2001. *A história da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa, Paulinas, 755 p.
- BACZKO, B. 1985. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 5, p. 296-378.
- BOSCHI, C.C. 1986. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo, Editora Ática, 254 p.
- CAMPOS, A.A. 1993/6. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura material e liturgia. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, 17:209-219.
- CAMPOS, A.A. 2007. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: M.E.L. RESENDE; L.C. VILLALTA, *História das Minas Gerais – As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte, Autêntica; Companhia do Tempo, vol. 2, p. 77-107.
- CAMPOS, A.A. 2011. A Ordem Carmelita. In: *Arte sacra no Brasil Colonial: história e arte*. Belo Horizonte, Editora C/ Arte, p. 79-88.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <http://www.newadvent.org>. Acesso em: 03/12/2018.
- CEVINS, M.M.; MATZ, J.M. 2010. *Structures et dynamiques religieuses dans les sociétés de l'Occident latin (1179-1449)*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 576 p. (Collection "Histoire").
- CHAHON, S. 2008. *Os convidados para a Ceia do Senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 444 p.
- CHADWICK, H.; EVANS, G.R. 2007. *Grandes livros da religião: Igreja Cristã*. Edição Brasil, J.L. SÁNCHEZ; M. ALMARZA. Tradução, C. NOUGUÉ; F. MANHÃES Barcelona, Editora Folio, 240 p.
- DEBRET, J.B. s/d. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo, Círculo do Ouro, vol. 2, 691 p.
- DUBY, G. 1982. *As três ordens, ou, O imaginário do feudalismo*. Lisboa, Estampa, 383 p, (Imprensa Universitária, 22).
- EWBANK, T. 1973. *A vida no Brasil ou Diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 347 p.
- FEITLER, B. 2014. Quando chegou Trento ao Brasil? In: A.C. GOUVEIA; D.S. BARBOSA; J.P. PAIVA, *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa, Centro de Estudo de História Religiosa (CEHR), Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, p. 157-173.
- FRANCO, J.E. 2010. *Dicionário histórico das Ordens*. Lisboa, Gradiva, 779 p.
- FRANÇA, J.M.C. (org.). 1999. *Visões do Rio de Janeiro Colonial: antologia de textos, 1531-1800*. Rio de Janeiro, EdUERJ; J. Olympio, 261 p.
- GONÇALVES, J.B.L. (Prior da Ordem, Irmão Jubilado). 1865. *Estatuto da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo*. Novamente impresso com as reformas feitas pela Meza Conjunta em 29 de Setembro de 1848. Rio de Janeiro, Typ. e Papelaria Nunes, 32 p.
- INVENTÁRIO Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI) do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) – Rio de Janeiro. Igreja da Ordem Terceira de Senhora do Carmo (2003), Módulo 3 – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro (vol. I a VI).
- LE GOFF, J. 2005. *A civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo, Edusc, 399 p.
- LOYOLA, I. (Santo). 2004. *Os Exercícios Espirituais*. São Paulo, Madras, 140 p.
- MÂLE, É. 1952. *El arte religioso del siglo XII al siglo XVIII*. Fondo de Cultura Económica, México-Buenos Aires, 152 p.
- MARTINS, W.S. 2009. *Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (C. 1700-1822)*. São Paulo, Edusp, 576 p.
- OLIVEIRA, M.A.R. 2008. *Barroco e rococó nas igrejas do Rio de Janeiro*. Brasília, IPHAN/Monumenta, 201 p. (Roteiros do Patrimônio, 1).
- PAIVA, J.P. 2014. A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas. In: A.C. GOUVEIA; D.S. BARBOSA; J.P. PAIVA, *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa, Centro de Estudo de História Religiosa (CEHR), Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, p. 13-40.
- PAIXÃO, A.E.R. 2016. A crença no Purgatório, a prática das indulgências e sua aplicação no Rio de Janeiro Setecentista. *Temporalidades – Revista de História*, edição 22, 8(3)47-60.
- REGRA DA ORDEM Terceira da Bem-Aventurada Virgem do Monte Carmelo. 1979, 99 p. (2ª parte).
- RODRIGUES, C. 2008. A arte de morrer bem no Rio de Janeiro setecentista. *Varia História*, Belo Horizonte, 24(39):255-272.
- SANTOS, B.C.C. 2005. *O Corpo de Deus na América: a festa de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa, século XVIII*. São Paulo, Annablume, 194 p.
- SARMENTO, T.M. 1965. Breve relato sobre a Igreja do Carmo. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Ministério da Educação e Cultura, XV:241-266. (Volume Comemorativo do IV Centenário do Rio de Janeiro).
- SERZEDELLO, B.J.B. (Coordenador e Secretário da Mesma Venerável Ordem). 1872. *Arquivo Histórico da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*. Erecta no Rio de Janeiro desde a sua Fundação em 1648 até 1872. Rio de Janeiro, Typographia – Perseverança, 125 p.
- VIEIRA FAZENDA, J. 1921. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 140:220-366.
- WEISBACH, W. 1948. *El barroco: arte de la Contrarreforma*. Madrid, Espasa-Calpe, 347 p.
- ZARDIN, D.; MOZZARELLI, C. 1997. *Il tempi del concilio: religione, cultura e società nell'Europa tridentina*. Roma, Bulzoni Editore, 491 p.

Submetido em: 27/11/2019

Aceito em: 11/01/2020